

# CRÔNICAS PRIVADAS:

Uma descarga de sentimentos



## EDITORIAL

# DO QUE VALE ESTUDO

Nas vias públicas das grandes metrópoles é possível encontrar expressões artísticas dos mais variados formatos: existem "lambes", grafites, pichações, cartazes, esculturas e muitas outras maneiras de se apresentar nesse espaço urbano. Por não ocuparem o espaço tradicional em que se localizam as obras de arte consideradas de "alta cultura" e por não seguirem os padrões estéticos formais, essas manifestações são consideradas por alguns como vandalismo ou produção artística de menor valor.

Com a definição de arte cada vez mais ampla, com movimentos que tentam sair do lugar elitizado e com questões cotidianas modernas inflamadas, cada vez mais a arte de rua e informal ganha espaço e destaque, já que esta é capaz de retratar o urbano, o caótico e o disfuncional de maneiras que a arte tradicional não conseguiria. Quando se trata das manifestações artísticas no espaço do banheiro público, em contrapartida, ainda não há essa revisão de valor, sendo interpretado ainda como pura degradação do espaço coletivo.

Nossa E-zine tem o objetivo de pensar os grafites de banheiro fora do senso comum, subvertendo esse juízo de valor; retratá-los como manifestações da individualidade daqueles que os fazem, retratos de questões contemporâneas que rodeiam a sociedade e como obras de arte. Qual a função da ocupação do banheiro por questões individuais? Por que aquele que escreve na porta de um sanitário público se sente mais confortável em colocar suas angústias e pensamentos ali do que na internet, no papel, numa fala?

Pensando nos indivíduos que escrevem no banheiro, decidimos fazer um recorte próximo da nossa realidade, os grafites dos sanitários das universidades públicas, utilizando exemplos da UFSCar, a universidade que nós, os autores, frequentamos. A partir da nossa vivência nessa universidade do interior paulista é possível tecer uma reflexão sobre muitos outros grafites de banheiros, irmãos em conteúdo com outras universidades públicas.

A questão do anonimato circunda esse tipo de arte, afinal, quando o indivíduo se encontra sozinho naquele cubículo, tem a liberdade de escrever o que quer, o conforto de que não será descoberta a sua autoria e a garantia de que aquilo será visto, diante da circulação constante de pessoas no sanitário público. Isso permite que aquele que grafita possa se expressar livre dos questionamentos e validações alheias, que, se feitas, serão de forma pessoal e individual, sem embate direto. Assim, surgem questões comuns às outras pessoas que frequentam o mesmo espaço, mas que as tocam das mais diversas maneiras possíveis, criando um ambiente de liberdade, provida de um anonimato de alcance tão simples que torna a prática de produzir esses grafites no banheiro democrática.

Os tópicos levantados no espaço do banheiro universitário envolvem a realidade do jovem brasileiro, geralmente urbano, que usualmente tem acesso a uma infinidade de informação o tempo todo; jovens bombardeados de dados, cheios de incertezas, convicções e medos, vivendo de uma forma "quase adulta", onde

# AR OS GRAFITOS NO BANHEIRO?

onde existem responsabilidades, cobranças e necessidade de esforço para que um futuro melhor seja atingido, mas onde essas cobranças ainda não parecem tão sérias assim. O microcosmos universitário proporciona muita liberdade, mudanças constantes e aprendizado, quando nada parece constante e essa fase de estranhamento entre o "eu" e o "mundo" se reflete também no conteúdo dos grafitos.

O espaço físico do banheiro também influencia em seu conteúdo, sendo um espaço dual, um espaço público que é privado, sua forma, dividida em gêneros binários, está ultrapassada para uma juventude que cada vez mais se permite caminhar para fora da binariedade imposta, questões de gênero, sexualidade e sexo são comumente levantadas nesse espaço, assim como denúncias de abusos, assédios e discriminações, onde as vítimas e aqueles que não se encaixam de alguma forma com o padrão se sentem mais confortáveis para se expressar sem medo de retaliações.

Ainda falando do espaço físico, é possível dizer que sua função primordial, a de ser o lugar de descarte biológico humano, influencia na linguagem comum entre os grafitos de banheiro. O conteúdo de muitas mensagens deixadas pelos escritores anônimos de sanitário são obscenas, de teor escatológico e sexual, o espaço do banheiro dá margem para essas questões, já que o que é feito ali é lido sempre como "sujo". A "sujeira" do conteúdo também se transporta para a estética do que é desenhado no banheiro, os desenhos incorporam o escatológico, o sexual e o feio, podendo ser irônicos também.

Levando em consideração todas essas análises feitas a respeito dos grafitos de banheiro, nós nos propusemos a somar o conteúdo desta E-Zine não só com textos argumentativos ou informativos, mas também com diversas formas de expressões artísticas que julgamos se relacionarem com a estética dessa "arte de banheiro". Assim, ao ocupar nosso lugar de estudantes da UFSCar, reconhecemos que também somos impactados no dia a dia pelo tema sobre o qual iremos discorrer, afinal, quem sabe algum de nós também já não produziu um grafito? Por isso, decidimos tratar algumas seções da revista como as próprias paredes do banheiro, expressando nossa subjetividade artística por meio de poemas, crônicas, registros fotográficos e colagens.

Dessa forma, sabendo de todas essas questões que tornam as manifestações encontradas nos banheiros tão complexas e fiéis à um retrato das angústias e pensamentos íntimos da realidade, não é possível negar que esses grafitos são formas válidas de expressão. Num período de tempo no qual tudo é tão mutável, descartável e grosseiro, o que o retrataria melhor do que a forma de arte feita no local de descarte do que tem de mais nojento e comum a todos no corpo humano?

**Atenciosamente assinado por: Ana Clara Menezes, Ana Paula Vidorette, Ed Turkiewicz Oliveira, Leonardo Carvalho, Maria Alice Diniz de Oliveira e Maria Fernanda Borges.**

Existem vários estudos acadêmicos sobre grafitos em banheiros públicos, explorando os motivos e as consequências dessa expressão. Em julho de 2022, como parte da realização desta e-zine, foram colados QR Codes interativos em alguns banheiros dos ATs (Edifícios de Aulas Teóricas) da UFSCar e do Departamento de Artes e Comunicação, a fim de responder esses mesmos questionamentos, só que desta vez focando o nosso olhar para o lugar em que convivemos. O QR Code, impresso em um papel com os dizeres "**Por que você escreve no banheiro?**", foi fixado nas portas das cabines dos banheiros e direcionava para um formulário a ser preenchido pelas pessoas que se interessassem. Até dia 2 de setembro, recebemos 46 respostas, que, em conjunto com outros estudos sobre a temática, nos ajudam a entender melhor as razões pelas quais os frequentadores da universidade se expressam nos banheiros.

A primeira questão do formulário era: "**Você já escreveu ou desenhou algo nos banheiros da UFSCar?**", pergunta quantitativa que nos levou aos seguintes resultados: **65,2%** das pessoas responderam que **não**, enquanto **34,8%** das pessoas responderam que **sim**, já escreveram ou desenharam nos banheiros da universidade.

*"Porque eu acho que todas as paredes da universidade tinham que ter arte."*

*"Ainda não escrevi, mas acredito que escrever no banheiro é uma forma de gritar 'eu existo'"*

Já a segunda pergunta, de caráter qualitativo, segue o questionamento presente no papel do QR Code: "**Por que você escreve/desenha no banheiro?**". Nesta questão, recebemos 25 respostas, dentre as quais a grande maioria falava sobre poder dar suas opiniões sobre situações cotidianas sem julgamentos, além de ser ouvido:

*"Porque considero uma das únicas formas de expressão/Local de Pala Livre dos alunos. Mulheres inclusive usam muito para denunciar assédio e assediadores."*

*"Meu anonimato grita."*

"Sim, a informação de que alunos estariam sendo racistas e assediadores. Além disso, um escrito de que um professor estaria sendo transfóbico."

**"Alguma arte te chamou atenção a ponto de você lembrar para nos contar aqui? Qual?"**. A intenção da pergunta, quando foi elaborada, era destacar expressões artísticas marcantes do banheiro, porém, a maioria das respostas foram relacionadas a textos ofensivos, políticos ou denúncias.

"Lembro que tem um monte de coisa transfóbica escrita no banheiro, e meu Deus, trans não tem paz nem no banheiro."

"Sim, gosto quando as pessoas contam sobre provas e trabalhos, me ajudam a perceber que não estou sozinha."

Leonardo Carvalho

**POR QUE VOCÊ  
ESCREVE NO  
BANHEIRO?**



"Jamais, o anonimato também dá espaço pra gente preconceituosa falar merda."

**"Você acha que o anonimato que o espaço do banheiro dá a quem escreve é de todo positivo?"**. A maioria das respostas foram críticas ao anonimato, sendo os argumentos mais usados relativos à abertura que esse aspecto dá para ofensas e manifestações de ódio. Porém, grande parte também ressalta a dualidade do anonimato, levantando suas consequências positivas

"Pelas artes que observei nos banheiros da UFscar sim, porém o anonimato pode abrir portas para outras expressões de cunho depreciativo e preconceituoso se exporem."

"Acredito que sim, é bom para tirar um "peso da consciência" sem o medo do julgamento."

ales

"Nunca denunciei, mas fico sempre em alerta ao saber quem poderia fazer algo contra mim."

"Nunca denunciei, mas já fui alertada várias vezes."

"Me senti muito alertada várias vezes."

**"Você já denunciou algum abuso ou se sentiu acolhido e/ou alertado por algum escrito no banheiro?"**. A maioria das respostas foi positiva, principalmente com relação ao acolhimento e alerta providos pelos escritos.

"Sim! sobre meu curso existem bastantes alertas de pessoas e grupos assediadores."

"Sim, um lado bom dos escritos, é que eles alertam as pessoas e algumas pessoas escrevem dicas para ajudar quem precisar."

MST = MASSA DE MANDORRA



"Sim, frases machistas, sexistas e que menosprezam a minha existência enquanto mulher. Um exemplo foi "depósito de porra".

Sim! Já vi muito machismo e transfobia."

**"Você já se sentiu ofendido com algo que viu escrito/desenhado nas paredes do banheiro? Se sim, o quê?"**. Apesar das respostas negativas, algumas afirmaram que sim e apontaram o teor preconceituoso de muitos grafitos presentes nas paredes.

"Eu pessoalmente nunca fui ofendida, mas já vi várias coisas que ofendem outras pessoas."

"Sim, as frases transfóbicas no banheiro do departamento da Imagem e Som."

A última pergunta foi um espaço opcional para as pessoas se identificarem, com os dizeres: **"Caso se sinta confortável, identifique-se."** Nesse espaço, apenas 10 pessoas quiseram colocar seus nomes, evidenciando mais uma vez a relação entre o espaço do banheiro e o conforto do anonimato.

TRAS  
SO TEM  
OTARIO  
DOMINA

QUERO  
- QU  
HOJ

LEIA →

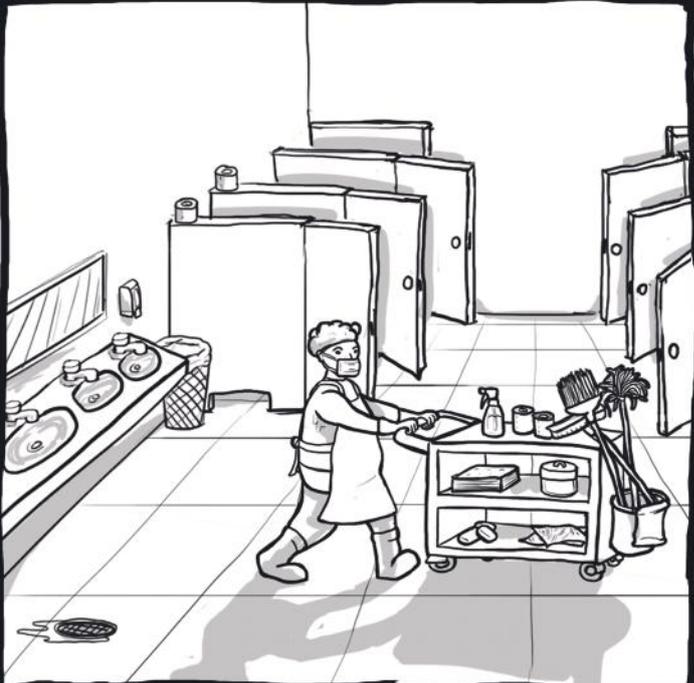
MAR 6

# SANTARIZOTAFIA

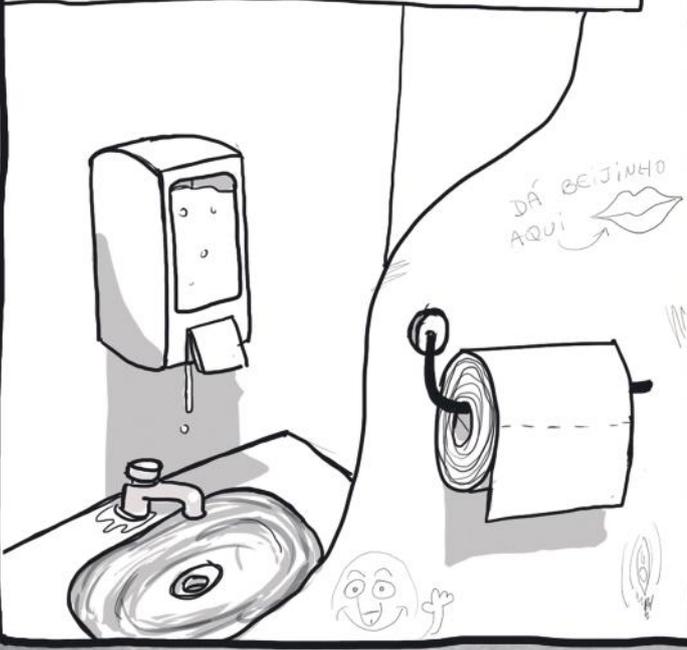
Ed Turkiewicz Oliveira

enquanto o objeto  
agora é mentado  
sua taxa

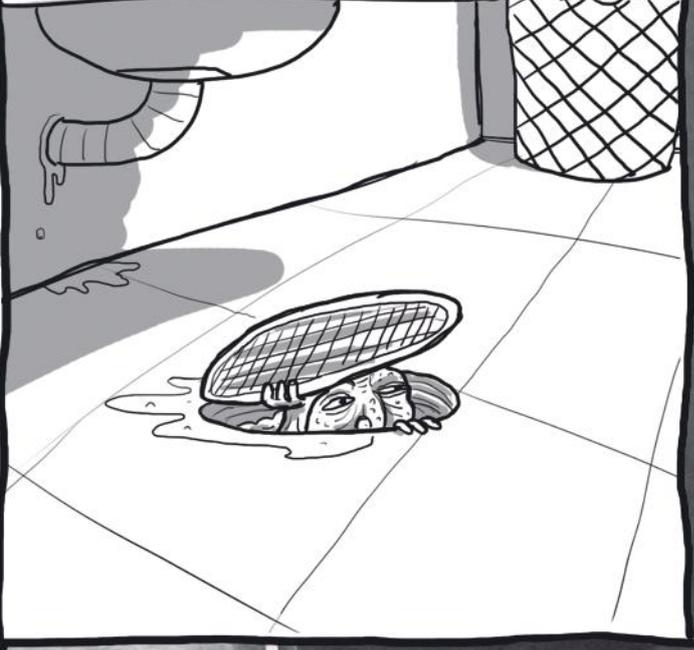
BANHEIRO DA UFSCAR, 30 DE JUNHO DE 2022.



UTENSÍLIOS DE HIGIENE RECÉM CARREGADOS.



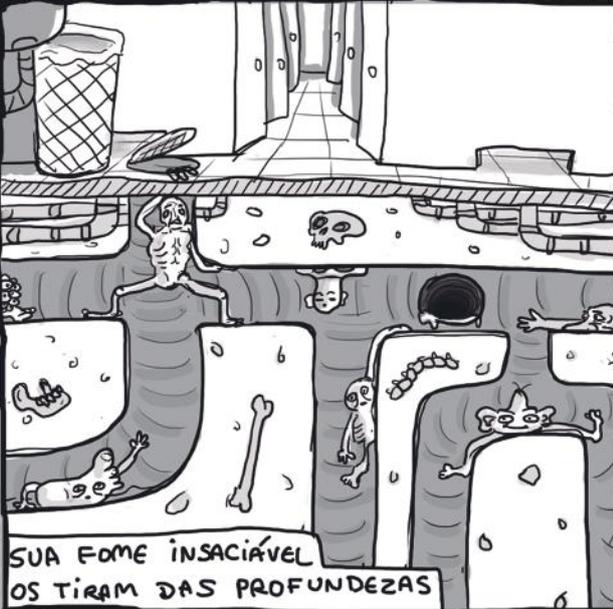
SÃO CUIDADOSOS, OPORTUNOS.



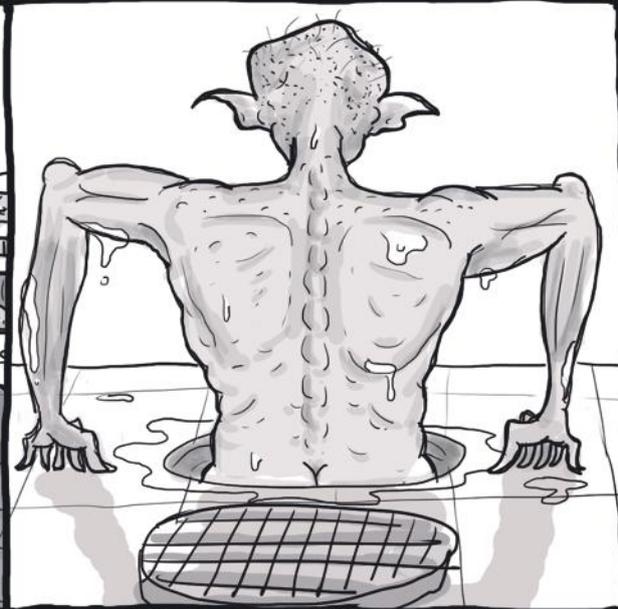
ESPERAM O SILÊNCIO PARA AGIR.



SEUS CHEIROS DISTINTOS ATRAEM CRIATURAS DESCONHECIDAS



SUA FOME INSACIÁVEL OS TIRAM DAS PROFUNDEZAS



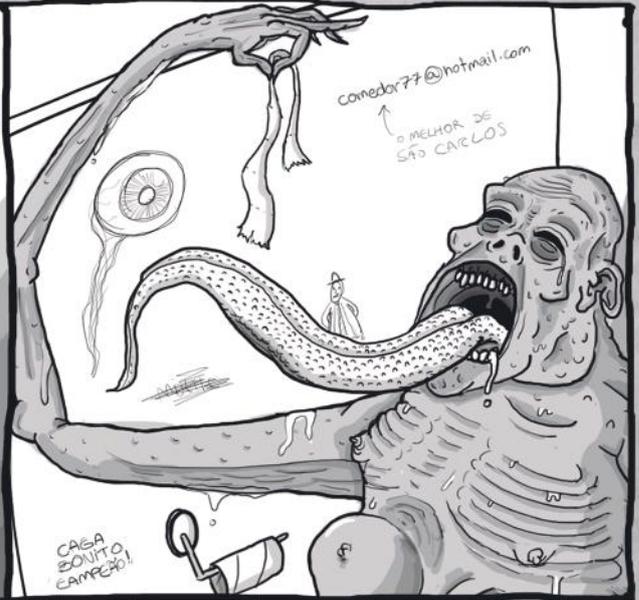
JÁ SE PERGUNTOU PORQUE NUNCA HÁ SABÃO?

POR QUE O PAPEL ACABA TÃO RÁPIDO?



100 BEIJA M

OS



ELES TÊM METABOLISMO RÁPIDO.

APÓS TODA REFEIÇÃO, ANTES DE SE RECOLHEREM AO ESGOTO EM SONO PROFUNDO...



PORÉM SÃO BEM AGRADECIDOS...

NUNCA SE ESQUECEM DE DEIXAR UM PRESENTINHO.

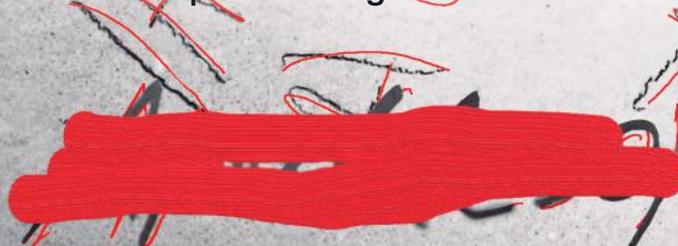
♡ Fim.

# ASSÉDIO

Ana Paula Vidorette

O assédio sexual não tem uma definição concreta no Código Penal brasileiro, mas no Artigo 216-A consta que "constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função" caracteriza assédio. São linhas muito específicas e pouco abrangentes, entretanto, já ajuda várias pessoas a identificar esse tipo de violência.

Pensando nisso, é inevitável trazer esse tópico para o ambiente universitário, uma vez que nós, leitores e escritores dessa e-zine, em sua maioria, estamos inseridos nele. Também é evidente que o assunto da revista são todos os desenhos e escritos encontrados nos banheiros das faculdades, mas nesse texto vamos falar unicamente daqueles que denunciam uma situação desconfortável de assédio, abuso, agressão e outras violências sofridas por esses anônimos denunciadores. Você já deve ter visto o nome de alguém escrito na parede junto a alguma acusação bem séria e é nisso que eu quero que pense: será que houve uma denúncia formal ou apenas um grafito no banheiro? Se não houve, por quê?



estuprador

A REVOLUÇÃO  
SERÁ FEMINISTA  
OU  
NÃO SERÁ!

De acordo com Fórum Brasileiro de Segurança Pública, nosso país registrou 56.098 estupros de mulheres no ano de 2021, o que significa que uma mulher foi estuprada a cada 10 minutos no Brasil. Esse número alarmante é maior do que o de 2020, mas sabemos que ele é resultado das denúncias efetivadas e quem não consegue denunciar, seja por falta de acessibilidade, conhecimento dos direitos do cidadão (muitas pessoas não sabem reconhecer um estupro ou até mesmo não sabem que isso é um crime) ou por se sentir constrangida diante dos profissionais que colhem a denúncia e averiguam o caso, não entra nessa conta, mas ainda assim o crime existe e está na sombra dessas mulheres que tiveram seus caminhos cruzados por um trauma gigante, difícil de lidar.

Antes de continuar, é importante destacar que aqui não existem respostas concretas para a pergunta de quantas PESSOAS, sejam do gênero que for, são estupradas e se o que lemos nas paredes daqueles sanitários foi denunciado e faz parte das estatísticas ou não, mas o intuito é provocar a reflexão de que o acolhimento dentro dos meios legais de denúncia e na própria sociedade em si é precário o suficiente para que vítimas de abuso se sintam mais seguras em anotar detalhes da violência sofrida na porta de um banheiro na universidade. É fato que os que delatam os crimes são expostos a reviver a situação, serem desacreditados e necessitam provar o que estão acusando para que o processo seja levado adiante, mas emocionalmente, essas pessoas não têm suporte o suficiente para lidarem com o trauma, seja pela falta de profissionais da saúde mental capacitados e acessíveis, seja pelo julgamento de pessoas próximas, seja pela cultura machista e patriarcal brasileira de culpar a vítima e sempre questionar o que essa pessoa estava fazendo, vestindo ou insinuando quando o crime aconteceu.

UNIVERSIDADE  
FELIZ  
VANTAGEM  
PR  
10  
NA [REDACTED]  
ESTUPRADOR  
OCUPA OS  
ESPAÇOS



Pesquisando um pouco, encontramos dados absurdos sobre estupro: o Atlas da Violência (Ipea/FBSP), em 2018, comparou dados e afirmou que tanto o SUS quanto a polícia possuem um enorme grau de subnotificação, "tendo em vista o tabu engendrado pela ideologia patriarcal, que faz com que as vítimas, em sua grande maioria, não reportem a qualquer autoridade". Ainda com base na pesquisa que fiz, encontrei a informação de que o Atlas, diante de estudos internacionais, concluiu que aproximadamente só 15% -no máximo- dos casos é denunciado.

Sim, é assustador, principalmente se pensarmos que isso diz respeito à violência sexual e que eu nem entrei no assunto da violência física, moral e emocional. Mas esses dados nos ajudam a entender para onde vão as denúncias que não estão nos órgãos oficiais: muitas estão grafitadas em algum lugar, anonimamente, nos alertando com quem devemos nos preocupar. E eu te garanto, o que está escrito ainda é pouco comparado ao que vivemos em um Brasil no qual o estupro é cultural e é resultado de anos do machismo normalizado na sociedade.

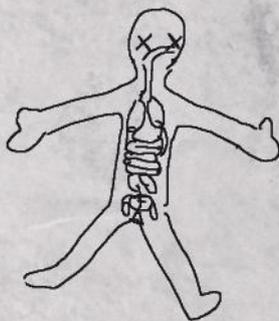
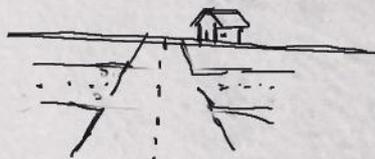
buening



Ana Paula Vidorette

# CORPO INÓSPITO

Ana Paula Vidorette



Outra noite em São Carlos.  
Rua escura e eu escuto passos além dos meus.  
Meu coração acelera e rezo com força  
Para todo santo, para qualquer deus. +

Que não tirem minha blusa,  
Que passem reto por mim.  
Meu medo é da mão que abusa  
Sem a misericórdia de um fim.

Outra noite em São Carlos  
Já não consigo mais sorrir  
Pelas ruas cruzo com a angústia  
Na esquina do que vivi.

O que me tornou alvo?  
O que me escolheu?  
Minha genitália, minha roupa  
Ou a podridão no cerne teu?

E aqui nesse corpo inópito  
Vivo dia após dia meu pesar  
Ele está bem, rígido, livre  
Enquanto eu busco meu perdido lar.

Algo mudou naquela noite: sou parte das estatísticas,  
Sangrei por todas, uma.  
Como todas sangraram.  
E como todas choraram.  
Mas algumas,  
não voltaram.

Esse fim não tem rima.  
essa dor não termina.

**meu abusador!**

A REVOLUÇÃO FEMINISTA

# CRONICAS DA

Maria Alice Diniz de Oliveira

Está anoitecendo, já são quase sete horas. Tem um barulho lá fora, uma mistura de sons indistintos de instrumentos musicais e um burburinho, alguma coisa sobre o assalto que ocorrera próximo à universidade ontem à noite. O clima é agradável, bem fresco, mas não o suficiente pra usar moletom, que, apesar disso, surpreendentemente, é peça principal para alguns estudantes que passam por ali. Sem aviso prévio, entra no banheiro uma jovem mulher, com o ar um tanto quanto apressado e uma bolsa volumosa nas costas; talvez estivesse pesada ou talvez abrigasse apenas aquele moletom reservado pro frio que poderia chegar mais tarde. A moça ignora sua imagem no espelho, indo diretamente para uma das cabines vermelhas e solitárias que esperavam ansiosamente por alguma novidade. Ela tranca a porta rapidamente, abaixa a tampa da privada e se senta de uma vez, como se soltasse um grande peso que carregava há dias. Mas esse peso não é material, isso ficou óbvio desde o começo. Seus ombros caídos e o suspiro lentamente liberado pelos seus finos lábios dizem alguma coisa sobre esse peso. Seria um problema universitário? Matérias acumuladas, uma nota baixa, quem sabe? Ou seria alguma coisa com a família? Pode ser que sua avó preferida esteja envelhecendo um pouco rápido demais. Um tanto quanto perdida

# E BANHEIRO

nos seus devaneios, a moça começa a admirar a porta que a encara. Muitas coisas estão escritas ali, com muitos tipos diferentes de canetas e caligrafias. A maioria desses escritos provoca alguma discussão complexa, outros se resumem a breves descarregos, desabafos, criações... Quem será que são essas pessoas? Será que hoje são diferentes do que eram quando deixaram pra trás esses pequenos pedaços de si em forma de expressão banheirística? Toda essa observação fez a moça abrir sua bolsa, tirar de lá uma caneta bic azul (outra importante característica de pessoas que frequentam o ambiente da universidade) e receosamente encostar sua ponta em um espaço vazio daquela porta... "Eu te amo". Lê-se essas pequenas e miúdas palavras azuis na porta vermelha. Azul e vermelho, como as veias e as artérias que atravessam e emaranham todos os corpos humanos; seria esse um acaso brincalhão dos astros? Não se sabe bem pra quem se destina aquela frase tão repentinamente escrita pelas leves mãos da jovem mulher que entrava no banheiro apressada e sem aviso prévio, mas toda e cada pessoa que debruçar ali os olhos inquietos, vai sentir o que se deve sentir. E isso é o que tem de mais acalentador e inquietante nos escritos das paredes dos banheiros.

# LEITURA INTERPRETATIVA DA

Maria Fernanda Borges

Uma discussão sobre o aborto, uma das situações mais controversas que podem rodear uma sociedade cristã e conservadora como a brasileira, foi aberta dentro da cabine central de um dos muitos banheiros da Universidade Federal de São Carlos. O aborto é a interrupção da gravidez antes que o feto tenha condições de viver fora do útero, sendo uma questão que envolve aspectos morais, científicos, éticos, religiosos e filosóficos, além de estar diretamente relacionada com o direito de escolha de uma pessoa que pode gerar filhos sobre o próprio corpo. Quando feito de maneira legal e por médicos qualificados, o aborto é um procedimento seguro e indolor, quando proibido por lei, inacessível por burocracia e realizado de maneira clandestina, como é o caso do Brasil, ele se torna um procedimento perigoso responsável por diversas mortes maternas e internações hospitalares.

Os tipos de aborto são divididos entre natural, acidental, criminoso, legal ou permitido. Enquanto o natural e acidental são auto-explicativos, o criminoso é quando a prática abortiva acontece fora do ordenamento público e o aborto legal ou permitido é quando essa mesma prática acontece dentro da lei, podendo ser classificado como terapêutico ou necessário quando feito para resguardar a saúde da mãe ou eugênico, quando realizado por impossibilidade de vida do feto fora do útero, existindo ainda o aborto miserável, realizado quando a gestante não tem condições materiais comprovadas de cuidar de uma criança e o aborto honoris causa, feito para guardar a honra em caso de uma gravidez que fira as questões morais. (MORAIS, 2008).

No Código Penal Brasileiro, todas as formas de auto-aborto e de aborto com consentimento da gestante são consideradas criminosas, salvo o necessário, eugênico e o humanitário, sendo este o realizado em casos de violência sexual. (MORAIS, 2008 apud JESUS, 1999) Dessa forma, é possível dizer que, apesar de existir a possibilidade da realização do procedimento no Brasil, ainda é em um número de casos muito limitado, tendo que passar por um sistema judiciário burocrático e muitas vezes falho.

Segundo a plataforma Mapa do Aborto Legal, consultada no dia 7 de setembro de 2022 existem 89 cadastrados entre os 176 hospitais no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde que realizam o procedimento do aborto legal no Brasil para vítimas de violência sexual. A distribuição de localidades no entanto não é homogênea, tendo localidades com muito mais acesso ao aborto legal do que outras, principalmente quando comparadas as capitais com o interior dos estados.

A discussão anônima encontrada no banheiro térreo do AT2 conta com réplicas, objeções e falas até o presente momento escritas na cabine do banheiro sobre a

# A CABINE DO MEIO DO AT2

porta das mais diversas formas: corretivo, canetas das mais variadas, e até mesmo objetos cortantes. As mensagens divergentes em opinião compartilham, além do espaço físico, a linguagem comum dos grafitos de banheiro; a informalidade típica dos locais impróprios para escrita, da depredação do espaço público e a mistura do pessoal, com o social e político e a mescla do que se pensa correto a partir do individual em confronto com a opinião pública.

Dessa forma, os grafitos da cabine central térrea feminina do AT2 foram coletados e transcritos, esse artigo tem como objetivo analisá-los em conteúdo, respeitando sua forma, a linguagem típica dos banheiros.

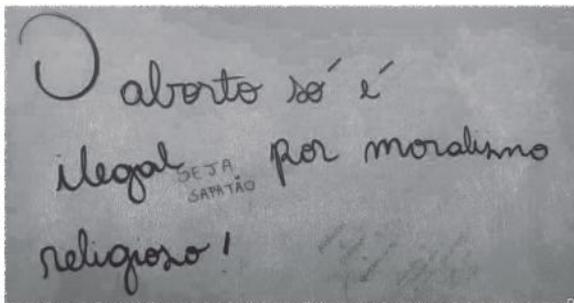


FIGURA 1

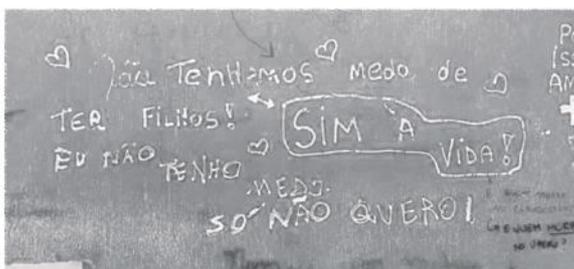


FIGURA 2

Olhando do topo da porta para baixo, os escritos da FIGURA 1 são os primeiros a serem vistos, a frase maior chama muita atenção, tem a caligrafia bonita e usa de muito espaço. Ela ilustra bem tudo que vem a seguir: o discurso "pró-vida", que muitas vezes vem de pessoas religiosas, e encaram o aborto como uma questão moral, como uma escolha individual de falta de responsabilidade com as próprias decisões, e não como um problema social e de saúde pública.

É na FIGURA 2, nos grafitos que se encontram no centro da porta, onde a discussão parece tomar a forma de um confronto direto de ideias, o discurso pró-vida aqui ocupa um grande espaço e está adornado com corações, fazendo essa associação entre o ter filhos com o amor e a vida, um discurso idealista, fora da realidade brasileira, onde uma maternidade sem recursos e sem desejo dificilmente pode ser associada com essas virtudes. A réplica que confronta esse discurso parte de uma constatação individual, mas que se relaciona com um direito garantido por lei de máxima importância: o direito de decisão sobre o próprio corpo e vida.

Na FIGURA 3 os grafitos presentes são uma resposta direta aos da FIGURA 2, neles há o questionamento do papel social do indivíduo lido como "feminino", esse grafito se posiciona contra a crença popular que toda mulher é maternal, feita para cuidar e viverá sua completude apenas quando tiver uma família tradicional com filhos.

Os grafitos da FIGURA 5 também contestam a ideologia pró-vida da figura 2. O primeiro fala sobre a vida das pessoas que morrem durante uma prática ilegal de aborto, onde o procedimento é realizado sem os devidos equipamentos e instalações, de maneira a criar a possibilidade. A maior parte das mortes decorridas de um aborto malsucedido são mulheres pobres e marginalizadas, que não podem pagar muito por um procedimento e se submetem a situações insalubres para ter seu desejo de não ter filhos respeitado. Já o segundo vem como contraponto da primeira parte, questionando se a interrupção da gestação do feto também não seria uma morte.

As FIGURA 6 e 7 são do mesmo grafito, que foi escrito a lápis, por isso é difícil ver, esses escritos são uma resposta aos grafitos da FIGURA 5. Nesse escrito há uma explicação sobre o que acontece durante um aborto realizado de forma correta, no período em que o feto não pode sentir por não ter sistema nervoso central desenvolvido. Aqui há o uso de fatos biológicos para explicar que, se realizado de maneira segura e legal, não há uma "morte" do feto que está sendo gerado, apenas a interrupção da gestação de um feto ainda inanimado.

Na FIGURA 8, os grafitos que estão na parte inferior da porta do banheiro apresentam discursos de cunho político: o primeiro em prol da ciência, reforçando que estamos na universidade, o local onde a ciência é elaborada, o segundo advoga pela qualidade de vida das mulheres brasileiras.

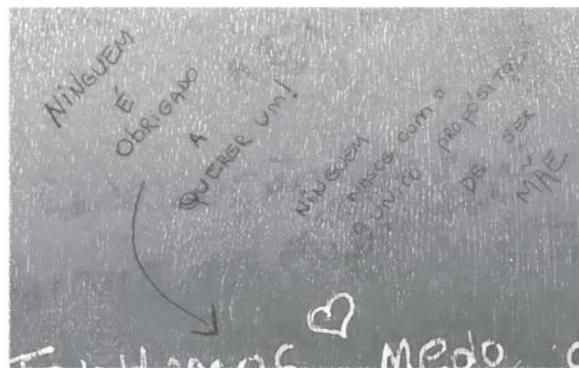


FIGURA 3

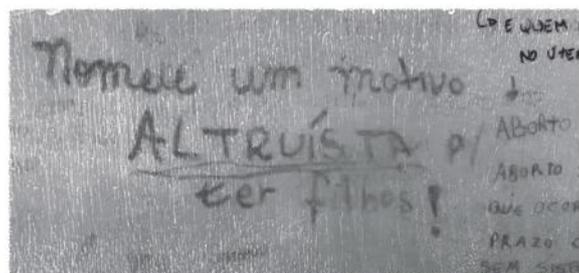


FIGURA 4

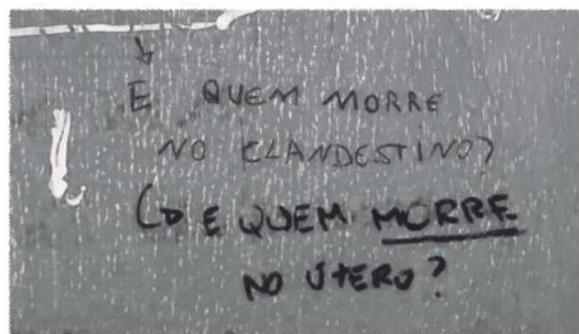


FIGURA 5

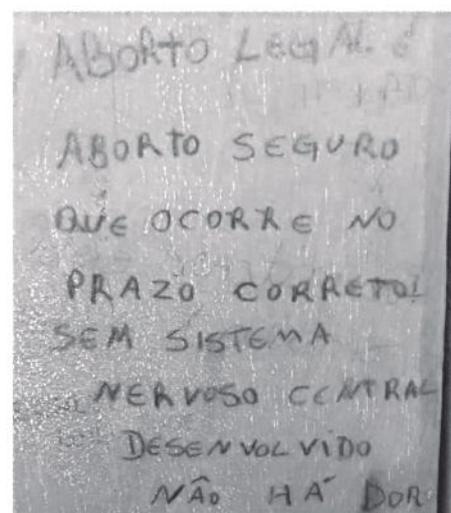


FIGURA 6

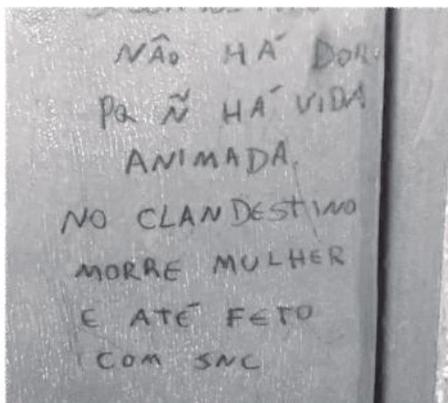


FIGURA 7

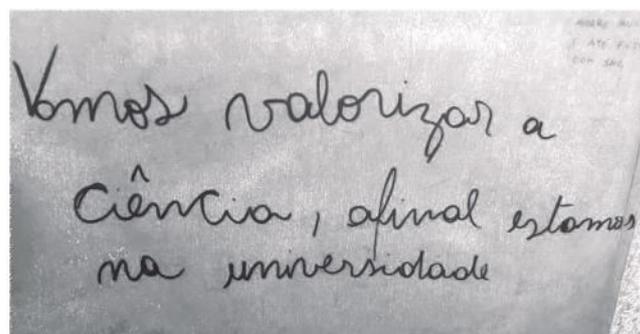


FIGURA 8

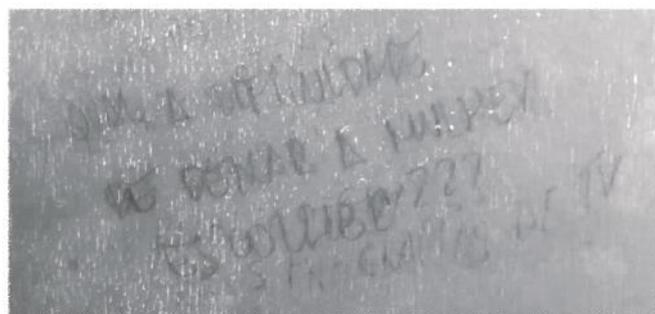


FIGURA 9

Na FIGURA 9 lê-se o último grafito legível da porta, escrito a lápis e aparentemente desgastado com o tempo, esse escrito questiona porque se burocratizou tanto o poder de escolha de quem pode gerar vida sobre seu corpo.

As 9 figuras aqui escolhidas foram fotografias tiradas no meio do mês de agosto, num intervalo entre aulas. Tudo que foi registrado era o que estava legível, embaixo de cada texto aqui presente havia marcas de outros escritos que se perderam no tempo e no desgaste da superfície de madeira, ideias que não serão registradas, pensamentos que não serão mais vistos com o tempo. O que se pode concluir de tudo que foi escrito anonimamente por essas diversas pessoas que usaram o banheiro feminino do AT2 na cabine do meio é que existe todo o tipo de gente na universidade pública, com os mais variados pensamentos e ideologias, assim como no país, o microcosmos universitário reflete o macro brasileiro.

A discussão retratada nessa cabine é só uma dentre as várias que podem ser vistas nos diversos banheiros públicos da UFSCar, todas com questões contemporâneas que refletem a sociedade brasileira e principalmente a vivência do grupo social das pessoas que frequentam aquele banheiro. No caso do banheiro feminino do AT2, é possível perceber como a questão do aborto vive no imaginário das pessoas que frequentam esse espaço, as levando até a escrever suas idéias sobre o tema.

# FAZES DO

Ana Clara Menezes

Os Grafitos de Banheiro são entendidos como qualquer tipo de expressão (palavras, frases ou desenhos), feitos em banheiros públicos por indivíduos de ambos os sexos, sendo tais inscrições portadoras dos mais diversos conteúdos. Tanto os que produziram os grafitos quanto aqueles que os leem estão protegidos pelo anonimato da cabine sanitária, usufruindo de um breve momento de privacidade absoluta. Ao divagar especificamente a respeito do ambiente universitário, pensamos que é possível tecer uma relação a princípio inusitada: a da comparação das paredes dos banheiros com o "Twitter", já esse desejo de expressão em meio a um ambiente isolado do julgamento direto da sociedade também pode ser percebido nessa rede social. Tudo isso nos leva a considerar: o que essa ausência de exposição oferece aos autores fantasmas?

É preciso reconhecer que o espaço do banheiro proporciona, momentaneamente, a ausência de uma censura externa e, por isso, as "as escritas latrinárias correspondem a um recurso de documentação de atitudes, modos de pensar e hábitos discursivos populares, uma vez que são produzidas espontaneamente pelas pessoas, despreocupadas com a observação e avaliação de outrem."(FERREIRA, et al; 2009). Nesse sentido, tal configuração pode gerar as mais diversas formas de expressão, como denúncias de assédio/abuso, discussões ao longo de paredes inteiras a respeito de temas tabus, como o aborto, ou sobre ideais políticos, sem contar as diversas ofensas e xingamentos que podem tanto estar proferidas "gratuitamente" quanto direcionadas a algum comentário (grafito) anterior. Em contrapartida, também são encontradas palavras de encorajamento, que atuam como um eco que dá voz às minorias que frequentam tal espaço.

Em meio a diversidade de opiniões expressas, existem ainda grafitos que, talvez, provenham do tédio ou do simples fazer artístico nesse momento (uso do banheiro) de privacidade, como desenhos, poemas e frases irônicas ou cômicas. Ao olhar para tal variedade, percebe-se que diferentes urgências são despertadas, urgências essas que não são expressas

# ANONIMATO

abertamente ao meio social em que os autores dos grafitos estão inseridos. Alguns recebem tal anonimato de forma silenciosa, e entram como saem, sem deixar vestígios; outros, proferem denúncias, amores, violências, preconceitos ou arte, por meio dos grafitos.

Nesse sentido, ainda que o Twitter possua perfis individuais, por meio dos quais as pessoas podem indicar explicitamente quem são, grande parte de seus usuários tratam a plataforma como um "diário aberto", não incluindo informações pessoais em sua página driblando, de certa forma, que seja identificado por terceiros. Tal qual os grafitos, os murais da rede social em questão também reúnem denúncias, discussões políticas, xingamentos, confissões, expressões artísticas e diversas outras manifestações, feitas pelo seu público, que transforma esse espaço virtual em um ambiente para "botar para fora" aquilo que deixa de verbalizar no cotidiano. Logo, o momento de liberdade oferecido pelos banheiros se relaciona com esse espaço tecnológico contemporâneo, no qual os indivíduos encontram um respiro da pressão proveniente da convivência em sociedade. O espaço vazio das paredes dos banheiros conversa com o limite de caracteres do twitter, ambos dão voz àquilo que as pessoas, em público, guardariam para si, mas, naquele ambiente, se sentem no direito de compartilhar.

As pessoas então vão ao encontro de um local, seja ele virtual ou físico, para externalizar seus sentimentos e opiniões inibidas pela sociedade. Tais expressões podem ser traduzidas tanto nos grafitos, quanto por meio das redes sociais, visto que, ambos documentam as diferentes faces que o anonimato pode tomar em alguém, dando voz tanto a denúncias, palavras de encorajamento quanto a xingamentos, ofensas e discussões. Mesmo que um indivíduo possa posteriormente ser respondido de maneira brusca, seja por outro grafito, seja por um comentário em seu tweet, o momento de manifestação da sua mensagem é recluso, contendo apenas sua mente e uma caneta, ou o teclado do celular.

LA SEGUNDA... ALMO...

BRASILEIRAS!!

DE BENEFICÍO DE UMA SOCIALIZAÇÃO MASCULINA NUMA SOCIEDADE PATRIARCAL  
NÃO SOU CISGÊNERA NEM TRANSGÊNERA, SOU MULHER NASCI COM

# DEBOAROA

Ana Clara Menezes

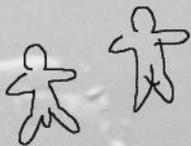
TRATADA. REJEITO TAIS CLASSIFICAÇÕES DE MULHERES COMO Opressoras de pessoas do sexo masculino que se identificam, seja por qual motivo for, com a identidade de mulher

↳ Não feche os olhos para a violência contra pessoas que vivem diferentes processos de opressão! Ninguém escolhe morrer na parede por viver como deseja  
↳ quem mata trans é homem

porcaria, quem oprime trans é HOMEM.  
Qual é a sorte que mulher tem de ter nascido mulher pra receber de homens a classificação de pessoas opressoras de pessoas do sexo masculino?



Cara a cara.  
Ponta de caneta,  
Olho, me olham  
Ambos anônimos,  
Todos nus.



Mente desordenada,  
Parede barulhenta  
Expressão sedenta,  
Quero enunciar!

Isolada?  
Eternizada.  
Mensagem de amor,  
Pra você?  
À quem acatar.  
Grito anônimo,  
Vai sempre ecoar.



# BIBLIOGRAFIA

## **ASSÉDIO - ANA PAULA VIDORETTE:**

CLIPES, Marcela; BEZERRA, Ana Carolina. O CRIME DE ASSÉDIO SEXUAL NO MBITO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR. 2017. 20 p. Dissertação (Graduanda em Direito) - Faculdade Multivix Castelo, Revista Dimensão Acadêmica, v.2, n.2, jul-dez. 2017, 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/revista-dimensao-academica-v02-n02-artigo05.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO (Brasil). Brasil registra um estupro a cada dez minutos em 2021: O número do ano passado é 3,7% maior em relação ao ano anterior. Exame.com, 7 mar. 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-registra-um-estupro-a-cada-dez-minutos-em-2021/>. Acesso em: 2 set. 2022.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO (Brasil). Estupros no Brasil:: dados disponíveis podem representar apenas 10% do total. Agência Patrícia Galvão, 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>. Acesso em: 2 set. 2022.

## **LEITURA INTERPRETATIVA DA CABINE DO MEIO DO AT2 - MARIA FERNANDA BORGES:**

MORAIS, Lorena Ribeiro de. A legislação sobre o aborto e seu impacto na saúde da mulher. Senatus, Brasília, v. 6, n. 1, p. 50-58, 1 maio 2008. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131831/legisla%C3%A7%C3%A3o\\_aborto\\_impacto.pdf?sequence=6#:~:text=O%20aborto%20%C3%A9%20legal%20at%C3%A9,ap%C3%B3s%20o%20in%C3%ADcio%20da%20gravidez](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131831/legisla%C3%A7%C3%A3o_aborto_impacto.pdf?sequence=6#:~:text=O%20aborto%20%C3%A9%20legal%20at%C3%A9,ap%C3%B3s%20o%20in%C3%ADcio%20da%20gravidez.). Acesso em: 7 set. 2022.

## **FACES DO ANONIMATO - ANA CLARA MENEZES:**

Ferreira Damião, Natália; Plaza Teixeira, Renata Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 61, núm. 2, 2009, pp. 1-10 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229019248013.pdf>.